

# Cultura critica

revista cultural da apropuc-sp nº 3 - 1º semestre de 2006



## Teatro das ações graves

Este número está dedicado à literatura dramática. O teatro é uma forma de expressão milenar. Nasceu da necessidade do homem de conhecer o homem. Não por acaso, foi motivo de atenção de um dos maiores gênios do pensamento: Aristóteles. Em sua *Poética*, estudou a literatura dramática como um gênero de primeira grandeza.

As transformações sofridas pelo teatro foram sensíveis, no percurso secular, mas essa manifestação artística superou as barreiras do tempo. Não faltaram e, provavelmente, não faltarão discussões sobre seu cansaço e seu fim.

Com o advento do cinema e da televisão, colocou-se a extinção dessa espécie. A indústria cultural sobrepor-se-ia ao palco artesanal – assim se pensou. Mas o teatro resistiu, e resiste. Ainda pode resguardar algum traço de independência do poder econômico e do dirigismo ideológico. É claro que tem limitações nesse terreno.

Eric Bentley, crítico inglês, abre seu livro *O Teatro engajado* com o seguinte título: “Será o Teatro uma Espécie Extinta”? O ensaio compilado data de 1953. Mostra que a capacidade de resistência da dramaturgia é extraordinária, mas possui aspectos frágeis. Eis um deles: “De qualquer modo, um dramaturgo radical não pode pretender as duas coisas: ganhar a vida lançando acusações contra a sociedade estabelecida e depois, quando a sociedade resolve rebater algumas das acusações, insurgir-se contra essa sociedade que o priva dos meios de ganhar a vida”. Bentley expõe sinteticamente uma das contradições fundamentais do teatro, tratando-se do exercício da crítica.

Um dos primeiros fundamentos da natureza e vigor do gênero dramático, que o sustenta historicamente como uma forma de representação crítica, também foi exposto por Aristóteles. A mimese dramática, da tragédia, incide sobre a ação dos homens. Não se trata de ações quaisquer, mas daquelas que são graves.

Mais do que nunca, vivemos o despedaçamento das relações sociais (ações graves). O teatro tem nisso a força de sua existência. A realidade trágica continua a pedir aos artistas que a representem, com criatividade, imaginação e vigor de linguagem.

Este número da Cultura Crítica objetiva abraçar a causa do teatro, com o que esta forma de expressão alcançou patamares históricos elevados. Os artigos são penetrantes? Os leitores farão seu julgamento.

É necessário dizer que injustiças são cometidas involuntariamente contra grandes dramaturgos brasileiros. Não constam artigos sobre Augusto Boal, importante por suas experiências com o Teatro do Oprimido, Oduvaldo Vianna Filho, com seu pungente texto “Rasga Coração”, o polêmico Nelson Rodrigues, por seus retratos sem retoque, no dizer de Sábato Malgadi. Muitos outros poderíamos ainda citar.

Além dos ensaios dedicados a vários escritores, publicamos, no final da revista, dois textos: um de Erwin Piscator e outro de Bertolt Brecht. Ambos expressam um ponto alto da visão crítica.

Chegamos assim ao número três da revista Cultura Crítica. É um passo para sua consolidação. O interesse voltado para a discussão crítica dessa esfera de representação e de conhecimento da vida social tem extrapolado o espaço da PUC. Não faltaram pesquisadores dispostos a contribuir com a crítica cultural. E a revista Cultura Crítica conta com a participação de intelectuais de vários lugares, permitindo colocar a PUC em contato com o meio educacional. Sem dúvida, poderemos reforçar a contribuição interna. O próximo número será dedicado à arte cinematográfica.

*Erson Martins de Oliveira*

A revista Cultura Crítica é uma publicação semestral editada pela Apropuc, com tiragem de 2 mil exemplares.

#### **DIRETORIA DA APROPUC**

**presidente:** Priscilla Cornalbas

**vice-presidente:** Sandra Gagliardi Sanchez

**1<sup>o</sup> secretário:** Erson Martins de Oliveira

**2<sup>o</sup> secretário:** Maria Beatriz Costa Abramides

**1<sup>o</sup> tesoureiro:** Victória Claire Weischtordt

**2<sup>a</sup> tesoureira:** Carlos Alberto Shimote Martins

**Suplentes:** Graciela Deri de Codina, Hamilton Octavio de Souza,  
Ivan Rodrigues Martin

#### **EDITOR GERAL**

ERSON MARTINS DE OLIVEIRA

#### **CONSELHO EDITORIAL**

Carlos Alberto Shimote

Erson Martins de Oliveira

Victória Claire Weischtordt

#### **EQUIPE DA REVISTA**

#### **EDITOR**

Ricardo Melani (MTPS 26.740)

#### **PREPARAÇÃO**

Gabriel Kolyniak

#### **PROJETO GRÁFICO**

Ricardo Melani

#### **ILUSTRAÇÕES E CAPA**

Ana Aly

APROPUC-SP - Rua Bartira, 407 - CEP 05009-000 - Perdizes

Fones: 3872-2685, 3865-4914, 3670-8209    [apropuc@uol.com.br](mailto:apropuc@uol.com.br) • [www.apropucsp.org.br](http://www.apropucsp.org.br)

# Sumário

## Ensaaios

Teatro: diagrama da vida ..... 5 <i>Carlos Gardin</i>
Plínio Marcos: o mago do desassossego ..... 15 <i>Sergio Ferrara</i>
Peripécias de certa revista teatral brasileira: da crítica risível das idiossincrasias dos poderosos ao umbigo escultórico das vedetes ..... 21 <i>Alexandre Mate</i>
Dramaturgia e política no Brasil contemporâneo: reflexões ..... 39 <i>Eduardo Luiz Viveiros de Freitas</i>
A arte da observação e da construção estética em <i>Morte e vida severina</i> ..... 51 <i>Erson Martins de Oliveira</i>
Brecht e a narrativa no teatro (ou onde está a arte?) ..... 67 <i>Sílvia Anspach</i>
O ator-performer e a crítica do “corpo cotidiano” ..... 77 <i>Cassiano Sydow Quilici</i>
Ética e política em tempos díspares ..... 83 <i>Laura de Paula Rago</i>
Romeu e Julieta; tragédia escolhida por uma mulher ..... 93 <i>Syntia Alves</i>
A tragédia de Canudos ..... 101 <i>Ricardo Melani</i>

## Reprodução de textos

Teatro político ..... 108 <u>Erwin Piscator</u>
Cinco dificuldades no escrever a verdade ..... 115 <u>Bertolt Brecht</u>



Huntz 2006

# TEATRO: DIAGRAMA DA VIDA

*Carlos Gardin*

Prof. Dr. do Departamento de Linguagens  
do Corpo da PUC-SP

## PRÓLOGO

Seguem algumas reflexões esparsas sobre a arte teatral. São conversas sobre a vida e a obra, sem pretensões. Apenas pensamentos esparsos sobre a arte e a sociedade, e sobre transformações. O objetivo, ao que parece, é sempre o mesmo: compreender, pela arte, o fenômeno da vida. Se aqui estamos, é pra compreender a vida, e se a arte existe, é para expressar a vida, demonstrar a vida, conhecer a vida. Pois então, que se faça.

## CENA I

O papa Bento XVI, em recente visita ao campo de concentração nazista de Auschwitz, na Polônia, aparece cabisbaixo. Ao lado, uma fileira de velhos que resistiram ao Holocausto. O Sumo Pontífice ora: "Deus, onde estavas, que permitiste que esse horror pudesse acontecer? Por quê?"

## CENA II

Trecho da peça *Angel City* (1976), do dramaturgo e ator americano Sam Sheppard (adaptada e dirigida por mim).

Situação: artistas com a obrigação de criar uma personagem e um espetáculo extraordinário discutem o processo de criação.

Regis : Qual é a coisa mais assustadora de todas as coisas deste mundo inteiro?

Tina: Morrer.

Regis: Qual é a coisa mais assustadora do que qualquer outra coisa?

Tina: O medo.

Regis: O que é o medo?

Tina: Pensar em morrer.

Regis: Pensar em morrer é mais apavorante do que morrer de verdade!

Tina: Como é que você sabe?

Regis: Eu suponho.

Tina: Você supõe, mas não sabe.

Regis: Como eu não passei pela minha morte, eu suponho que pensar nela é mais apavorante do que passar por ela.

Tina: Você não passa por ela. Ela passa por você.

Regis: É verdade. Deve ser verdade.

Tina: Mas você não sabe.

Regis: Não saber é mais apavorante do que saber.

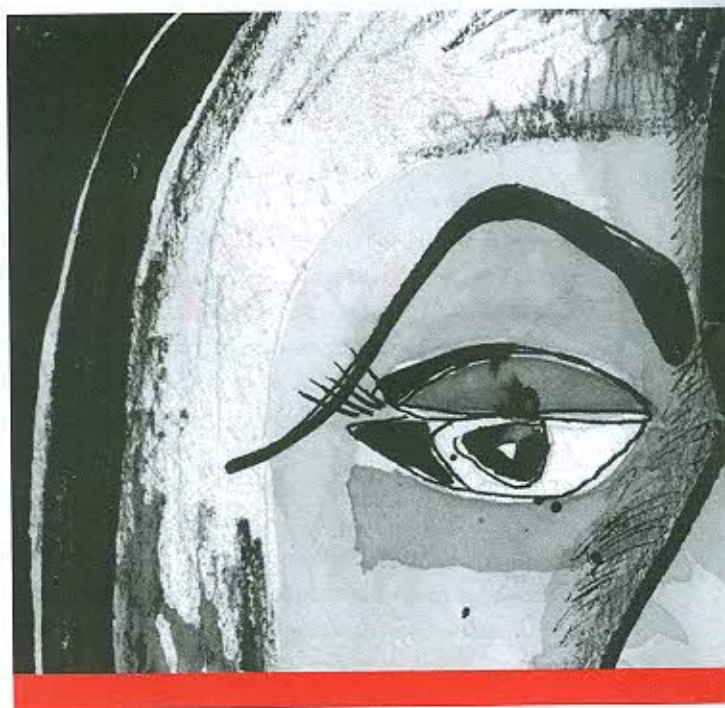
Tina: Mas só que você vai morrer.

Regis: Eu vou morrer!

Tina: Todos nós vamos morrer sem saber como, nem porque, nem onde!

Regis: E é essa coisa QUE NÃO DÁ PRA CONCEBER, DE TÃO ASSUSTADORA!

*O mistério da  
existência. A  
natureza, inclusive a  
humana,  
continua no seu  
percurso inexorável  
de nascimento e  
morte. O homem  
procura compreendê-la.  
Tenta racionalmente  
desvendar seus  
percursos, seus  
caminhos apavorantes.  
Sim, porque tem fim.  
Há o princípio, mas  
também o fim.  
Inexorável.  
Perguntamos,  
amedrontados por  
este fim, a Morte:  
Por quê?*



Tina: É isso!

Regis: E é esse o elemento que pode fazer um espetáculo extraordinário!

Tina: É esse sentido de terror que faz sucesso!(1)

Duas situações. Duas cenas, digamos. Situações diversas que, contudo, apontam para uma reflexão. De um lado, a presença de um Deus onisciente que tudo vê, tudo pode. De outro, o homem diante do grande mistério. O mistério da vida. O mistério da existência. A natureza, inclusive a humana, continua no seu percurso inexorável de nascimento e morte. O homem procura compreendê-la. Tenta racionalmente desvendar seus percursos, seus caminhos apavorantes. Sim, porque tem fim. Há o princípio, mas também o fim. Inexorável. Perguntamos, amedrontados por este fim, a Morte: Por quê? Por que a única grande certeza que temos é a de que tudo tem fim e, para além, nada sabemos? É esse mistério que impulsiona os racionais na busca desesperada de respostas por meio da ciência, filosofia, religião e arte. É essa grande dúvida que nos remete a tantas crenças ou à busca delas. A resposta é aquela que nos livrará do Grande Medo; mas resposta, não há!

